IF Sophia – Assis Chateaubriand

Palestra: 20/04/2013

Tema: Sófocles: a tragédia Édipo Rei e o inquérito da verdade

Resumo: A proposta “Sófocles: a tragédia Édipo Rei e o inquérito da verdade” visa apresentar e discutir algumas interpretações históricas sobre o Mito de Édipo, como por exemplo, dentre algumas, Freud que usou o mito para explicar o que chamou de “complexo de Édipo”, e a leitura de Foucault, para o qual o mito revela uma investigação jurídica da verdade, permeada por relações saber-poder. Nosso objetivo é apresentar uma proposta de leitura da obra de Sófocles como um discurso histórico, político e jurídico, isto porque, a tragédia revela certas práticas jurídicas para descobrir a verdade na época do berço da democracia na Grécia Clássica.

Entrevista – Daniel Salésio Vandresen

1. Há quantos anos estuda e leciona Filosofia? Por qual motivo ingressou nessa seara?

Estudo filosofia desde 2000, quando ingressei no curso de graduação. Não por motivos pessoais. Na época, a formação fazia parte natural da caminhada formativa religiosa do seminário (Diocese de Palmas e Francisco Beltrão). Não tive contato com a filosofia no Ensino Médio, então fui conhecer somente na graduação.

2. Como descreveria a experiência pedagógica no magistério filosófico?

Trabalho na educação desde 2005. De 2005 - 03/2011 no NRE de Dois Vizinhos/PR. Desde 03/2011 como docente no IFPR/Campus Assis. Considero a realidade educacional como provocativa e desafiadora. A realidade é desafiadora, pois exige do sujeito uma capacidade de reflexão crítica sobre as transformações vigentes. Se praticamente todas as propostas políticas pedagógicas trazem em seus objetivos a formação de um cidadão crítico, por que isso não se efetiva? Há alguma coisa errada em com nossas propostas pedagógicas e na organização do currículo. Tal desafio nos provoca a pensar a filosofia no Ensino Médio como uma ferramenta, caixa de ferramenta como diz Deleuze, que precisa ser usada para algo.

3. Como vê a questão do ensino de Filosofia no Brasil atualmente?
A obrigatoriedade da filosofia foi uma necessidade. Penso que o mais apropriado seria a adesão voluntária da gestão educacional, mas não tivemos maturidade para isso. A história da política educacional brasileira é comprometedora, pois na época da ditadura deixou a filosofia de lado por motivos políticas; já recentemente, a educação é direcionada para a formação de competências e habilidades, privilegiado determinadas disciplinas e limitando a formação conteudista para o mercado de trabalho. Além disso, parece que na educação como um todo há mais um jogo pela manutenção do status, do que a defesa pelo que seria melhor para a formação integral do ser humano.

4. Qual sua visão a respeito de "O que é mito?" em relação ao conhecimento filosófico e científico contemporâneo?
O mito, entendido no contexto da cultura grega clássica, significa um discurso simbólico e imaginativo que utiliza as forças divinas para explicar a origem das coisas e do mundo. E que não pode ser julgado pelos parâmetros de verdade da filosofia e da ciência, pois participam de contextos singulares de interpretação. Quando a filosofia e a ciência buscam uma verdade desvinculada das relações de força e de poder, não deixam de se constituir como mitos, pois conforme defendem Nietzsche e Foucault, não há conhecimento/saber sem a constituição de relações de poder.

5. Quais são os desafios do ensino de Filosofia no Estado do Paraná?
Vejo dois caminhos importantes a serem feitos: primeiro a necessidade de oferta de cursos na área (graduação, aperfeiçoamento, especialização, etc.), pois isso, além de sanar a falta de profissionais, também possibilitará maior referência ao trabalho do professor. Segundo, trabalhar na direção da formação permanente dos docentes da disciplina, criando espaços de discussão e pesquisa, para que a filosofia não se torne apenas ensino de seu conteúdo.

6. O que se poderia dizer aos estudantes de Filosofia e participantes do IF - Sophia - Assis Chateaubriand sobre a participação deles no evento?
Um momento indispensável para pensarmos nossa prática: como docente e/ou como sujeito neste mundo. Assim, como afirma Amilcar Cabral: “Pensar para agir e

agir para pensar melhor”. Independente se somos professores de filosofia ou não, estudantes de filosofia ou não, quando nos preocupamos com o pensar crítico de nossas ações no mundo já estamos fazendo filosofia. Que seja um momento único para pensarmos quem somos, para enfim, quem sabe, podermos ser diferentes.